

Desconstruindo o sujeito* - 09/09/2015

Vem da modernidade o projeto de recuperação do homem antigo e uma fundamentação da racionalidade. O eu revitalizado e revalorizado irrompe com suas ideias e sua consciência. O eu é autônomo, é possível falar ontologicamente de um eu que age, a subjetividade do eu é marcante na filosofia.

Os séculos se passam e o eu perde força até que Freud inventa o inconsciente. Há um algo além da nossa subjetividade, um desconhecido que não podemos explicar. Althusser propõe uma leitura de Marx pelo não dito, pelas lacunas. Mas o que é esse invisível? É o inconsciente, sempre presente, latente. Há o dito e o não dito, que às vezes diz mais. E ele ainda argumenta que o próprio Marx usou esse expediente na leitura dos economistas clássicos...

De toda forma, o inconsciente é estruturado. O estruturalismo francês coloca o sujeito em estruturas predeterminadas, estruturas feitas de relações e de lugares que ocupamos, como sujeitos. Exemplifico, ontem fui a um casamento, havia uma noiva, um noivo, o pai da noiva, os amigos, etc. Em todo casamento existem esses lugares a serem ocupados, de pai, mãe, convidado, etc. E ocupamos em cada casamento, lugares diferentes. Estamos nessas estruturas existentes antes de nós. A subjetividade perde espaço em prol da estrutura dada. Para Althusser, o próprio capitalismo se vale da estrutura: relações de produção, modos de produção, a forma mercadoria, todo um aparato em que nós, sujeitos, apenas nos encaixamos.

* A partir do que pude apreender em notas de aula de Teoria das Ciências Humanas, prof. Vladimir Safatle.